

# RIGARDO SERAFIM

The background of the cover is a dark, textured illustration of a landscape at night. A full moon is visible in the upper left. In the center, there is a stone well with a wooden roof. A large, stylized, white, flame-like or smoke-like shape flows from the right side of the well towards the center. In the foreground, there is a small, open purple box containing a small green plant. The overall style is reminiscent of a woodcut or a high-contrast print.

## A Voz do POÇO



A VOZ  
DO  
POÇO

*por* Ricardo Serafim

# 1

A van a deixou na porta de casa. Não o ônibus grande, aquele onde as outras colegas iam, mas a van dos alunos especiais, ou melhor, a *nave dos retardados*, como as crianças a chamavam. Lúcia não se via como uma criança diferente, mas não podia evitar, sua poltrona na nave estava sempre lhe esperando.

Ela detestava essa parte. Subir e descer pela porta adaptada. Ela conseguiria subir nos degraus do ônibus grande, com uma certa dificuldade, mas conseguiria. Serviria para deixar claro para todos que ela era do outro grupo, o grupo dos normais, e não uma passageira da nave. De nada adiantava passar o dia tentando se enturmar com as garotas legais, se no final da aula, ela tinha de embarcar naquela lata-velha. *Adeus meninas, tenho que subir na nave dos retardados, até amanhã, e finjam que isso nunca aconteceu.*

Como se isso não fosse ruim o bastante, ela era sempre a última a subir. O primeiro a entrar era Guilherme, o aluno com *down*, seguido de Carla, a autista, então entrava a senhora Sueli, a professora cadeirante de literatura. Depois que todos estavam a bordo era a sua vez. Subir pela rampa e caminhar até o seu lugar no fundo da van, o banco ao lado da janela. O lugar que era des-

confortável e que cheirava a vômito.

Hemimelia fibular — esse era o nome da doença e, por causa dela, Lúcia nasceu com a perna esquerda muito menor do que a direita. A sua primeira cirurgia corretiva fora aos dois anos e a última no ano passado, quando ela tinha oito. De todas às vezes em que foi submetida ao procedimento cirúrgico, a última havia sido a pior. O pós-operatório foi o mais dolorido e ela lembrava dos dias no hospital como uma temporada de agonia e sofrimento. E apesar de toda dor, ela não estava curada. Ainda precisava usar a horrível bota ortopédica e a muleta. Tudo que ela podia fazer, era confiar na palavra do médico, que disse: *aos poucos as coisas vão se ajustando, esse tratamento pode levar a vida toda*. Mal havia superado o trauma da última cirurgia e não concebia a ideia de ter que passar por tudo aquilo de novo.

Ela desceu da van. Seu Inácio, o motorista, colocou a cabeça pela janela.

— Tchau! Até o próximo ano!

— Até! — acenou ela de volta, e foi entrando pelo portão de casa.

— Mãe, cheguei!

Ela entrou pela sala, jogou a mochila sobre o sofá e caminhou para a cozinha. Sempre encontrava a mãe na cozinha terminando de preparar o almoço, mas naquele dia havia apenas algumas panelas sobre o fogão. Foi até o quarto arrastando a bota ortopédica pelo piso. Sua irmãzinha dormia no berço enquanto a mãe falava ao telefone, cabisbaixa, do outro lado do quarto.

— Mãe, cheguei!

Sílvia apenas estendeu a palma da mão como um gesto que

dizia; *não me interrompa, estou numa ligação importante.* Lúcia captou a mensagem. Ela admirava a beleza da mãe. Principalmente suas pernas. Em pé, ao lado do telefone, ela parecia uma atriz de novela. Por que não teve a sorte de nascer com as pernas bonitas da mãe?

A mãe ficou balançando a cabeça e confirmando, enrolando e desenrolando o fio do telefone nos dedos.

— Tem certeza da gravidade? Quer dizer, posso me preparar? *Hum-rum... Certo... Hum-rum... Sei...* Muito obrigada por ligar senhora... Marcela! Isso, nossa, desculpe é que... você sabe. Muito obrigada!

O tom de voz da mãe estava mecânico, frio.

A mãe soltou o telefone no gancho como quem solta um ferro em brasas. Atravessou o quarto como se nada tivesse acontecido. Pegou a irmã no colo e foi em direção à cozinha.

— Vá tomar o seu banho — disse ela —, e vê se não enrola. Vou terminar o almoço.

Seja qual fosse o mistério da ligação, Lúcia sabia que ele não duraria muito. No final das contas, a mãe sempre acabava contando o que lhe afligia.

Era o primeiro dia de férias. As colegas de turma deveriam estar se preparando para o acampamento, e outras para ir à praia. Lúcia não foi convidada para nenhum dos eventos. Estava acostumada a ser excluída dos grupos. Ninguém queria a companhia da *Pirata da Perna de Pau*.

Ao menos eram férias, e isso já era um alívio. Por pelo menos dois meses ela estaria longe dos apelidos e das humilhações. Sem se preocupar com Aline tentando lhe derrubar pelos corredores.



Nem com Mateus, que sentava atrás dela e cortava os seus cabelos sempre que tinha a oportunidade. Ou com Dayse inventando novos apelidos e maneiras de lhe ofender. Nada da terceira série “A”.

As férias eram um respiro. Uma chance de se preparar para o próximo degrau. Foi assim nos últimos três anos.

A cada novo ciclo, o *bullying* ficava pior. Ela se perguntava até onde aquela escalada iria continuar.

Sentada na frente da televisão, Lúcia tomava seu suco. Na tela, algum herói japonês enfrentava um inimigo fantasiado de crustáceo espacial e ela imaginava o que seria mais difícil de superar.

*Hemimelia fibular*. Bem que poderia ser um nome de um monstro do espaço.

— Lú, vem aqui, preciso conversar com você.

Era hora de descobrir o que tinha deixado a mãe tão aflita.

A mãe estava sentada na mesa segurando um copo vazio.

— Filha, hoje recebi uma notícia muito séria. O seu avô está doente e acho que ele vai precisar de ajuda.

*Avô?* Do quê a mãe estava falando? Durante toda a sua vida a mãe nunca falara do avô. Ele era uma figura ausente até nos álbuns de fotografia.

— Estou pensando que talvez tenhamos que ir visitá-lo. Não sei, passar alguns dias. O que você acha?

Aquela situação era inusitada. Ela se lembrou das colegas indo para o acampamento.

— Lá tem crianças?

Sílvia tirou uma mecha do cabelo que caiu nos olhos. Lúcia não cansava de admirar a beleza da mãe.

— Não. Mas tem muito espaço para você brincar. Muitas ár-

vores e natureza.

O que a mãe estava oferecendo não era nenhum acampamento de férias ou um passeio na praia, mas deveria servir.

— Tem balanço?

— Sim, acho que tem... — Disse a mãe cerrando os olhos, puxando da memória.

— Tudo bem.

A mãe sorri, passa a mão em sua cabeça e beija a sua testa. Então levanta-se e vai amamentar a irmãzinha.

## 2

**L**úcia veio arrastando a mala pelo piso. Com um puxão, a jogou sobre a cama. O móvel era velho, como tudo mais na casa do avô.

Ela abriu a mala e retirou o seu bem mais precioso, colocando-o cuidadosamente sobre a penteadeira. Era uma caixinha de música que quando dava-se corda fazia dois bailarinos dançarem ao som da Dança da Fada Açucarada, do Quebra-Nozes. Aquele era um presente especial e ela se perguntava se existia coisa mais incrível do que aquilo no mundo. Uma máquina dos sonhos, que funcionava através do girar de algumas voltas na manivela.

Desfez a mala, separando as roupas, as calcinhas, os livros e o resto da tranqueira habitual. O quarto tinha uma janela de madeira com vidro cuja a vista dava para o jardim da frente. Esta janela estava entreaberta, e meu Deus, como estava frio! Será que era sempre frio daquele jeito? Precisou puxar com força para fechar a janela. Quase tudo naquela antiga casa parecia estar emperrado.

A mala aberta sobre a cama estava uma bagunça. Teria que pendurar tudo no guarda-roupa antes que a mãe brigasse com ela.

Estava separando as meias quando uma rã saltou bem nas suas roupas. O susto a fez bater com as costas na penteadeira. O móvel oscilou, fazendo a caixinha de música cair. Lúcia viu com horror o objeto quicar pelo chão.

— Não!

Ela pegou o objeto, examinou com cuidado, abriu a tampa e deu corda. Não houve música. As engrenagens estalavam e deslizavam, como se algo tivesse se soltado por dentro, quebrado.

Aquela caixinha de música foi o último presente do pai. Ouvir o seu som mecânico lhe trazia boas lembranças, antes de tudo começar a dar errado.

Agora ela era só uma caixinha sem música. Parada. Uma coisa defeituosa, disfuncional, como ela.

A rã começou saltar novamente. Pulou para o chão, depois para a parede, e escalou até a janela onde ficou parada, grudada no vidro. Lúcia pegou a jarra de guardar bugigangas, a destampou, derrubou a tralha sobre a cama e levou o vidro até a janela. Usando as mãos como barreira, bem devagar, ela guiou a rã para dentro do jarro e, assim que o animal entrou, fechou a tampa. O jarro não tinha furos, mas Lúcia pensou que o animal não morreria sem ar tão depressa. A rã era pequena e aguentaria algumas horas. E se por acaso ela morresse sufocada, azar, isso seria a punição por tê-la feito quebrar a caixinha de música.

— Lú, tudo bem aí? — A voz da mãe vinha da cozinha.

— Tudo bem.

— Então venha para cá, venha conhecer o seu avô.



— Estou indo — disse ela com desânimo, enquanto olhava para objeto quebrado.

Augusto era o seu nome, e ele não parecia em nada com a mãe. Velhos eram um mistério para ela, algo alienígena, distante. É difícil acreditar que essas pessoas já foram diferentes de como elas eram hoje. Os velhos pareciam que sempre foram velhos. Seu avô, em particular, reafirmava mais essa impressão. Ele era um homem sisudo, calado, de rosto encarquilhado, com um nariz enorme.

Quando ela chegou, não trocaram mais do que algumas palavras, todas respostas para as perguntas: *Quantos anos você tem?, o que é isso na sua perna?, você come feijão?, e, onde você foi batizada?* Esta última causou uma certa estranheza. Lúcia ficou se perguntando que diferença fazia onde alguém foi batizado. Talvez fosse algo importante para os velhos, quem sabe?

O avô estava sentado tomando seu caldo de carne na mesa da cozinha, a única da casa. Era hora do almoço e sobre a mesa havia algumas panelas e algumas frutas.

— O que você achou da casa, filha?

— Legal... — falou Lúcia sem tirar os olhos do avô, que tomava sua sopa fazendo um barulho toda vez que sorvia o líquido da colher. — Tinha uma rã na minha cama.

— Oh! E o que você fez? Expulsou ela?

— Eu guardei ela. Está dentro do vidro.

— Tudo bem, só não vá judiar dela, certo? Animais não são brinquedos. Acho melhor você jogar logo esse bicho lá fora.

— Eu sei, mamãe, eu vou soltar ela. Posso ir agora?

— Você mal tocou no seu prato, mocinha.

— Estou enjoada da viagem.

— Tudo bem, mas lave o seu prato antes.

Pela maneira como a mãe parecia desconfortável naquela situação, Lúcia pensou que ela também gostaria de uma desculpa para sair da frente daquele senhor estranho.

Ela lavou o prato numa água tão fria que fazia os nós dos dedos doerem. Imaginou como seria tomar banho com a água naquela temperatura.

Quando abriu a porta do quarto, a rã saltou dentro do jarro e ficou grudada no vidro, como se dissesse: *Ei! Não se esqueça de mim! As coisas estão começando a ficar abafadas aqui.* Ela pegou o jarro e levou para fora de casa. Era meio-dia, mas o céu estava escuro como se o tempo tivesse pulado para o entardecer.

A casa do avô era pouco melhor que uma choupana, toda em madeira, e com uma varanda contínua ao redor. Lúcia caminhou pelo capim baixo do terreno dos fundos. Ela sentiu as gotas de orvalho lhe molharem a canela. A paisagem era bonita e ao mesmo tempo triste, o que causou nela uma sensação esquisita. Aquilo era uma espécie de quintal, um quintal diferente, sem muros, limitado apenas pelas árvores mais à frente. O jarro que levava nas mãos tremeu, a rã estava ficando impaciente por liberdade.

Destampou o jarro, e antes que o vidro sequer chegasse perto do chão, a rã saltou de dentro do recipiente para a liberdade. Por um momento, o anfíbio se perdeu no capim e Lúcia achou que nunca mais a veria, mas então a rã saltou alto à sua frente. Alguns segundos e outro salto. Então mais um, e outro, e outro. O animal saltava exageradamente, como se quisesse chamar a sua atenção. Ela achou aquilo divertido e começou a seguir o animal.

Ela pensou em Alice seguindo o coelho e isso a fez sorrir.

Continuou seguindo para mais longe, salto após salto pelo capim, até que cruzou o terreno dos fundos, chegando ao ponto em que o terreno acabava e a mata começava.

À beira da mata, Lúcia se deteve. A rã também parou, como se esperasse que a menina tomasse coragem para continuar a jornada. Cansada de esperar, a rã seguiu o seu caminho. Lúcia olhou para trás, não viu ninguém, então também entrou na mata. Ela perdeu a rã, mas achou uma trilha ladeada por pedras. Se a rã era o coelho de Alice, a trilha bem que poderia ser a estrada dos tijolos amarelos de Oz.

### 3

**A** trilha subia por uma suave encosta e passava por entre a mata em um ponto onde as árvores eram tão altas que as copas formavam um túnel. Esse túnel acabou em um morro, cercado de estacas sem arame. O que Lúcia encontrou no fim da trilha não foi uma cidade de esmeralda, mas um poço.

Era um poço antigo, construído de pedras, tinha uma cobertura de telhas enegrecidas pelo tempo e lodo esverdeado crescia ao redor da base. Ela colocou a mão sobre a pedra e a superfície lhe causou um arrepio. O musgo subia pelas colunas de madeira e cobria parte do telhado, que estava apodrecido como um esqueleto.

Na base do poço havia um degrau de pedra escura e lisa. Ela subiu nesse degrau e colocou o vidro vazio sobre a borda. Então se debruçou na beirada do poço para olhar o fundo. Viu somente



a escuridão. Seria um poço sem fundo?

Usando a muleta como suporte, a mesma técnica de toda vez que precisava se agachar, ela catou algumas pedrinhas do chão. Brincou de atirar as pedras no fundo do poço apenas pela diversão de ouvir o barulho das pedrinhas atingindo a água. O som ecoou para cima, como se viesse de outro mundo.

Ficou na ponta do pé e se inclinou mais para dentro da abertura. Uma brisa fria soprou do interior do poço e assanou sua franja. A ponta do seu nariz ficou gelada e ela fechou os olhos para sentir no rosto o carinho gélido que vinha de baixo. Foi estranho, quase dava para ouvir a brisa sussurrar ao seu ouvido.

*Lúúúciiaaa...*

Sim, era o seu nome. Pronunciado suave e prolongado como um sopro.

— Cuidado menina, pra não cair no poço.

Lúcia tomou um susto e olhou para trás, derrubando um monte de pedrinhas dentro da abertura. Havia uma senhora se aproximando, caminhando devagar, com uma vara na mão, vindo de outra trilha do alto do morro. Ela vestia um xale vermelho e uma saia comprida, a roupa parecia ter a mesma idade que a dona.

— O que tu tá fazendo, menina?

— Nada.

Ficou constrangida, como se tivesse sido pega fazendo algo errado, mas não estava fazendo nada errado. Estava?

— Não lembro de um narizinho como o seu por essas bandas. Qual é o seu nome?

— Lúcia.

— De onde você é?

— Sou da cidade, estou na casa do meu avô, logo ali — disse ela, apontando com o dedo para baixo, onde por cima das copas era possível ver o topo do telhado da casa de madeira.

A idosa fez uma careta e olhou como se tivesse muita dificuldade de enxergar mais além do que alguns passos. No franzir do rosto, abriu a boca, ao que Lúcia percebeu que lhe faltavam quase todos os dentes e os que ainda existiam pareciam que logo cairiam também.

— Menina da cidade, não ande muito longe de casa para não se perder. Muita criança se perde por aqui, sabia?

A velha foi se aproximando, caminhando com dificuldade, balançando a vara em direções aleatórias, como se espantasse fantasmas do seu caminho. Deu uma olhada de relance na bota ortopédica na perna esquerda da garota e fez uma expressão de desaprovação, como quem vê alguém usando uma roupa muito feia. A velha bateu duas vezes com a ponta da vara na haste de metal da bota, fazendo-a tilintar.

— Ei, não faz isso! — Protestou Lúcia.

— Isso é um remendo! Não temos que ter remendos. O remendo é o problema do mundo. Minha mãe dizia que é melhor andar nua do que com um vestido remendado. Você se acostuma com o *remendo*, depois acaba colocando ele em tudo — disse a velha, pronunciando o final como *im tudú*.

Aquela senhora era mais carcomida que seu avô, deveria ser uma anciã, uma coisa tão frágil que poderia se quebrar até com a brisa. E que história sem sentido era aquela de *remendo*?

A velha subiu até o poço e lentamente se inclinou para olhar

para o fundo. Lúcia ficou com medo de a velha não conseguir mais voltar para a posição normal. A velha cuspiu dentro do poço. Um cuspe ralo e alongado, que caiu sem fazer barulho nas profundezas.

— Num consigo vê. Tu viu menina?

Lúcia apenas balançou a cabeça. *Ver o quê? Do que aquela velha estava falando?*

— Ah! ela é muito arredia. Raramente sai de lá de dentro. A vida toda eu tentei falar com ela e ela nunca apareceu. Ela num gosta de mim. Me ajude a descer mocinha.

Lúcia pegou a mão da senhora, uma mão antiquíssima, áspera, e a ajudou a descer o degrau.

— De quem a senhora está falando? Tem um bicho dentro do poço?

— Não menina, não é bicho. Dentro desse poço vive uma fada.

A velha sorriu, um sorriso desdentado, e começou a arrumar o lenço na cabeça. Lúcia já estava muito velha para acreditar em fadas, Papai Noel ou Coelhoinho da Páscoa. Ainda assim, existia um entusiasmo genuíno da velha que capturou sua atenção.

— Desde muito nova, a minha mãe me contava a história da Fada no Poço. Isso foi há muito tempo, na época dos portugueses. Teve uma tempestade, daquelas de fazê coruja se entocar em casca de pau. Um raio caiu e acertô bem na árvore onde essa Fada morava. A Fada sobreviveu, mas ficou com as asas queimadas. Um bando de caçadores vinha atrás, fugindo do aguaceiro. A Fada se assustou e correu para se esconder no poço. Então ela caiu no fundo. Não se sabe o porquê, mas a Fada passou a morar



no poço. Nas noites de lua cheia, se você vier até aqui, e colocá a cabeça dentro do buraco, vai ouvir o cantarolar da Fada.

A história da Fada capturou a imaginação de Lúcia. Era evidente que aquela era uma lorota feita para iludir crianças, mas era bem interessante.

— Ah! Já sei! — disse a velha, e começou a mexer na bolsa de pano, revirando um amontoado de sementes, carretéis, barba-netes, botões de camisa e retalhos de tecido. — Achei! Pegue. Um presente pra você, menina do remendo.

Lúcia estendeu a palma da mão e a velha colocou uma moeda sobre ela. Ela examinou a moeda, era uma peça de metal grande e pesada. De jeito nenhum era uma moeda atual.

— Obrigada — disse Lúcia, guardando a moeda no bolso do moletom.

— Não-não-não, sua boba! Não é pra você, é pra ela! — disse a velha, apontando para o poço. — Vamos, faça um pedido e jogue a moeda no poço. Se tu tiver sorte, a Fada vai realizar o teu desejo.

As coisas estavam indo longe demais. Falar com uma velha estranha, tudo bem, mas o que viria depois? Ser convidada para tomar chá com biscoitos na casa da bruxa? Era melhor acabar logo com aquilo e dar o fora dali.

Ela subiu o degrau de pedra, se inclinou sobre a abertura do poço e novamente sentiu uma brisa fria vinda de baixo gelar o seu rosto.

— Vamos menina remendada, não perca a oportunidade.

Lúcia apertou a moeda e tentou enxergar o fundo do poço. Viu somente a escuridão. Bom, se era o que a velha queria para

lhe deixar em paz, que fosse, era melhor acabar logo com aquilo. E já que jogaria a moeda, não custava nada fazer um pedido, afinal, nunca se sabe, não é?

A caixinha de música surgiu em sua mente. *Era isso.* Fechou os olhos e desejou que a caixinha voltasse a funcionar. Então, atirou a moeda no poço.

A moeda tintilou nas paredes do poço, mas não emitiu nenhum som quando chegou ao fundo. Isso foi esquisito. Foi como se a moeda não tivesse encontrado a água, como se no meio do caminho ela tivesse se teletransportado para outro mundo. *Ou talvez alguma coisa a tivesse agarrado antes de atingir a água. Talvez a Fada tenha aceitado a sua oferta.*

Quando se virou, a senhora já estava subindo o morro, voltando para onde quer que tenha vindo.

Uma gota pesada de chuva caiu sobre o seu ombro, e a luz começou a se dissipar. Lúcia olhou para o céu carregado de nuvens. Era melhor fazer como a velha e ir para casa antes da chuva. Se chegasse em casa molhada, a mãe brigaria com ela.

Pegou o jarro de vidro e desceu a trilha. O inverno havia chegado e a chuva começou a cair.

#### 4

**J**antavam cozido com lentilhas e milho. Lúcia não gostava nada daquele cardápio. Todas as coisas tinham que ser cozidas para que o avô conseguisse mastigá-las. A irmãzinha não estava se importando em, de vez em quando, soltar alguns gases. Todos comendo calados. A mãe foi quem puxou conversa.

— Como foi o seu dia, mocinha? Brincou muito no balanço?  
O balanço. Havia se esquecido dele. O poço tinha sido mais interessante. Mas era melhor não mencionar isso. A mãe poderia julgar que ela havia se afastado demais.

— Soltei a rã e dei uma volta. Acabei encontrando uma senhora no caminho.

O avô mastigava o seu cozido com a calma de um bovino a ruminar.

— Ah, é? Que senhora?

Lúcia se deu conta de que não perguntara o nome da velha. Que falta de educação. *Mas ela era doida*, pensou.

— Uma senhora estranha. Acho que ela mora em cima do morro.

— Essa velha andava com uma vara? Balançando assim... — fez um gesto com os braços — ... de um lado para o outro? — perguntou o avô, com interesse repentino.

— Sim.

— Ela falou com você?

— Sim — disse Lúcia, começando a se sentir intimidada.

— E o que foi que ela disse? — inquiriu o avô.

— Ah! Ela falou umas lorotas sobre remendos e fadas. Um bobagens para enganar meninhas. — disse Lúcia, sem coragem de tocar no assunto *poço e desejos*.

— Mentira! O nome dela é Antonieta. Ela é doida. — pausa para limpar o queixo sujo de caldo — Doida e muda. Muda desde criança.

O avô se levantou e foi para a pia lavar as mãos.

— Deve ser outra pessoa — a mãe interviu. — Seja como



for, não quero você falando com estranhos. Você já deveria saber disso.

Lúcia se reservou ao direito de ficar calada. Não importa. Comeu um pouco do milho, um pouco das lentilhas, mas não tocou na carne. Um prato caiu e se estilhaçou. As mãos do avô estavam tremendo. Sílvia correu para ajudar.

— Deixa que eu faço isso...

— Não! Ainda não estou morto! Fiz isso a minha vida toda...  
— mais pratos caíram.

Iniciou-se uma discussão entre pai e filha. Lúcia detestava bate-bocas. O avô começou a gritar, estava irado. A mãe reagiu aos insultos e a discussão se inflamou.

Lúcia foi para o quarto. Fechou a porta, e isso ajudou a abafar as vozes. Ela deixou a muleta cair e se jogou na velha cama, que rangeu.

Na cozinha o avô estava agora se referindo a ela como *pequena mentirosinha*.

Estava ficando farta daquilo. Se não fosse essa viagem estúpida nada disso teria acontecido. Porque a mãe havia inventado essa viagem? Que história era aquela da velha ser muda?

O desejo.

Lúcia pegou a caixinha de música da penteadeira. Será que?

Era bobagem tentar. Ela não era mais uma menininha boba.  
*Não existem fadas. Não existe esse negócio de poço dos desejos.*

*Mas não custa nada...*

Lúcia levou a caixinha para a cama. Abriu a tampa e girou a manivela com delicadeza, pedindo a Deus para que as engrenagens voltassem a se encaixar.

Mas novamente, nada aconteceu.

Que bobagem! O que está quebrado, quebrado está. Era assim que diziam na novela.

Ela colocou o objeto sobre o armário ao lado da cama. Deitou-se e colocou o travesseiro sobre a cabeça. Agora as vozes que discutiam estavam ainda mais distantes.

## 5

**E**stava de volta ao colégio. *Mas não deveria estar de férias?* Aline estava caminhando atrás dela, o corredor estava mais comprido do que se lembrava. Tinha vontade de fazer xixi. *Tudo bem, o banheiro fica logo depois do próximo corredor.* Lúcia dobrou o corredor, mas em vez de ver a entrada do toalete das meninas, outro corredor surgiu em seu lugar.

Tudo bem, ela pensa, deve ser no próximo.

Olhou para trás, agora Aline estava acompanhada de Dayse. Lado a lado, as duas com aquele sorriso.

Deus!, a vontade de fazer xixi estava aumentando. A bota ortopédica ficava mais pesada a cada passo. Ela olhou para trás de novo, agora eram três: Aline, Dayse e Guilherme. Estavam andando bem atrás dela, todos com aquele sorriso. O sorriso de vamos pegar você.

Cadê o banheiro? Por que o corredor não acaba? Sua bexiga estava a ponto de explodir. A bota estava colando no chão, parecia ser feita de chumbo.

*Ai meu Deus!, não na frente da turma, por favor, não na frente da turma!*

Tentou correr. Derrubou a muleta. A perna pesando, o corredor sem fim. Olhou para trás e viu a turma inteira a seguindo.

Tropeçou.

Estava cercada. Todos estavam apontando para ela, todos gritando em coro:

— Perna de pau! Perna de pau! Perna...

As vozes foram diminuindo. A medida em que a gritaria ia se calando uma melodia foi surgindo.

Era a Dança da Fada Açucarada!

E junto da música, uma voz falou.

*Lúúúciiaaaa...*

Era a voz do poço. Falando suave como um sopro.

Lúcia acordou. O travesseiro estava no chão, os lençóis estavam molhados. Ela conferiu melhor a cama. Era apenas suor.

Foi por pouco.

Sempre que tinha esses pesadelos acabava molhando a cama e a mãe brigava com ela no outro dia. *Você já está velha demais para fazer xixi na cama, mocinha!*

Um sonho, mas aquele em especial tinha sido tão real.

Lúcia desceu da cama e ficou em frente ao armário. Ao lado de um porta-retratos com a imagem de Nossa Senhora, estava a caixinha de música, com o tampo erguido. Não lembrava de o ter levantado.

Ela pegou a caixinha e deu corda, movimentando a manivela com todo cuidado. Sentiu as pecinhas se encaixando no seu interior. A caixinha de música, o último presente do pai. O elo remanescente. *Oh! filhinha. Preciso te contar uma coisa. Seu papai*



*foi para o céu e está na companhia de Deus.*

A caixinha começou a funcionar novamente, tocando suave, como se nunca tivesse sido danificada.

Lúcia sorriu. Levou a caixinha para cama, e deitou-se ao seu lado.

Teria sido o desejo? A Fada do poço... Era possível que ela realmente existisse? Bem, nunca se sabe. Um monte de gente diz ter recebido milagres, falado com Deus, essas coisas. Então, pensando assim, talvez também possa existir um poço — ou uma fada — que realize desejos.

## 6

**O** dia estava tão chuvoso que parecia que ainda era noite. Além da janela, havia somente a chuva pesada que caía desde as primeiras horas da manhã. Com o tempo daquele jeito, ela não podia sair para caminhar. Tinha que adiar a visita ao poço.

A convivência dentro de casa estava beirando o insuportável. A irmãzinha chorava sem parar.

— Mãe, porque ela não cala a boca? Está me deixando louca!

— São os dentinhos que começaram a nascer, filha. Não implica! Foi o mesmo com você. Procura alguma coisa pra fazer.

Essa era boa! Alguma coisa para fazer? Numa casa sem TV, sem rádio, sem poder sair para brincar no balanço. Trouxera alguns livros, o que estava lendo agora era *A Ilha do Tesouro*, mas não estava gostando dele. Piratas da perna de pau lhe traziam más lembranças. Então, passou a ler as revistinhas. A maioria falava de

novelas, novelas as quais ela não podia assistir. Era só começar a ler e lá vinha de novo o choro da irmã.

Queria sair de casa. Ir até o poço. Atirar pedras no fundo, ouvir o barulho da água. Quem sabe fazer outro pedido? Quem sabe. Para isso, primeiro precisava de uma moeda.

O avô estava sentado na cozinha tirando lascas de um pedaço de madeira com a faca. Não sabia o motivo daquilo. Deveria ser alguma tarefa para passar o tempo. Lúcia não gostava dele e, pelo visto, o sentimento era recíproco.

Naquela manhã, a mãe e o avô discutiram duas vezes. Na última, a mãe saiu com a irmã no colo e se trancou no quarto. Lúcia não teve certeza, mas ficou com a impressão de que a mãe estava chorando.

O avô estava morrendo. A mãe contou. Era um tumor na cabeça, uma doença que ele já deveria ter há muito tempo e que só agora haviam descoberto. Como ele era velho, não podia fazer o tratamento. Tinha pouco tempo de vida. A mãe dissera que fazia muitos anos que eles não se falavam. Mais anos do que Lúcia tinha de vida. Quando viviam juntos, eles brigavam sempre. Foi por isso que ela fugiu.

*Eu preciso tentar. E você precisa conhecê-lo antes que ele se vá,* foram a palavras da mãe, na ocasião.

A morte não era novidade para Lúcia. Depois do pai, ela pensava que não choraria por mais ninguém. Após tantas discussões, Lúcia começou a pensar que talvez a mãe estivesse arrependida de ter vindo. O avô era um homem mau.

Lúcia foi até a sala, onde a mãe estava tentando consertar uma goteira. A irmãzinha estava olhando para elas do sofá.

— Mãe. Pode me dá uma moeda?

— O que você quer comprar?

— Eu não quero comprar nada, eu só quero uma moeda.

— Posso perguntar para o quê você quer uma moeda?

— É segredo.

A cadeira balançou e Sílvia quase perdeu o equilíbrio.

— Tudo bem. Te dou um cofre inteiro se você me ajudar com isso. Pega pra mim esse prego que está na estante.

A mãe pregou uma tábua no teto, o que não fez a goteira parar de pingar, mas amenizou o problema. O avô ficou parado na porta da cozinha, olhando com reprovação. Pela sua expressão, outra discussão estava a se aproximar.

Lúcia recebeu uma moeda de cinquenta centavos como pagamento por ter ajudado a mãe. Só muito depois foi que surgiu a dúvida. Será que a Fada aceitaria a moeda nova ou será que somente dinheiro antigo era que fazia os desejos se realizarem?

Trancada dentro de casa com o choro da irmã e com as brigas dos adultos, ela teve tempo para pensar. A princípio, quem disse mesmo que o que houve com a caixinha de música foi um milagre? Da noite para o dia ela estava acreditando em fadas e poços mágicos. Logo ela, uma menina tão esperta.

Fadas não existem. Ponto.

Ela deve ter se enganado. Talvez a caixinha não tivesse realmente quebrada. Talvez ela tivesse se confundido. As coisas não se consertam sozinhas no meio da noite.

Estava a ponto de se convencer de que havia cometido um erro, então, voltava a lembrança da rá saltando para a cama, a



caixinha caindo no chão e quicando. Ela havia balançado a caixinha e ouvido o barulho das pecinhas soltas em seu interior. Não conseguia racionalizar como aquilo tinha acontecido, mas tinha.

Só havia uma maneira de sanar a dúvida. Ela precisava ir até o poço e fazer outro pedido. Isso, outro pedido. Seria o teste.

De repente, ela ficou impaciente com aquela chuva que não parava. Foi até a janela do quarto e olhou para fora novamente. Ainda havia muita água caindo do céu, poças de lama por todos os lados.

— Droga!

*Quem sabe eu possa...*

Um barulho de coisas caindo interrompeu o seu pensamento. A mãe deu um grito. Chamou por ela.

Lúcia foi ao quarto do avô, sua mãe estava tentando levantá-lo do chão. Ele estava cercado de sapatos e cintos. O avô havia tentado alcançar alguma coisa dentro do guarda-roupas, quando passou mal. Caiu e levou consigo uma prateleira inteira. Tinha batido a testa em alguma coisa, pois havia sangue escorrendo.

— Me ajude a levantá-lo. Anda!

Lúcia ajudou a colocar os pés do avô em cima da cama.

— Fica aqui que vou pegar alguma coisa para estancar esse sangue todo — disse a mãe.

Era a primeira vez que Lúcia entrava no quarto do avô. Ela olhou em volta enquanto o homem gemia, desnortado. Em algum lugar da casa, a irmãzinha começou a chorar novamente. Lúcia ouviu a mãe remexer as gavetas da cozinha.

O quarto parecia um museu. Ela viu o guarda-roupas aberto e notou uma camisa com um enorme remendo na manga. Se lem-

brou da velha. *O remendo, o problema do mundo é o remendo. Não temos que ter remendos.*

— Achei! — gritou a mãe da cozinha.

## 7

**L**úcia acordou com o cantar do galo. Ainda estava escuro, contudo, a chuva havia diminuído. Ela se levantou e foi até a cozinha. Abriu a geladeira e tomou leite. Sabia que a mãe não a deixaria sair tão cedo, mas decidiu esperar acordada mesmo assim.

A irmã acordou mais cedo que a mãe. O alarme de Sílvia era o choro da filha. A mãe foi à cozinha, onde Lúcia já esperava sentada na mesa e com um copo de leite ao lado, enquanto lia *A Ilha do Tesouro*. Eram seis e meia.

— Bom dia filha, não conseguiu dormir?

— Acordei cedo, mamãe, e depois não consegui dormir mais. Faz café pra mim?

— Tudo bem, mas só um pouquinho, tá certo? Café é coisa de adulto.

— Mãe, posso sair para dar uma volta?

— Mas tão cedo?

Lúcia viu na expressão da mãe que ela pretendia argumentar contra, porém, se deteve. Pensou que a própria mãe desejaria sair daquela casa, mas algo a segurava, alguma força que só os adultos compreendiam.

— Tudo bem. Mas coloque a capa e leve o guarda-chuva! O tempo melhorou, mas ainda pode chover.

— Obrigada mamãe!

— Ei, presta atenção! Se começar a serenar volte no mesmo instante, viu mocinha?

Lúcia pegou o guarda-chuva que estava encostado ao lado da porta e saiu pela varanda. Antes de sair, ainda ouviu a mãe gritando mais uma última recomendação:

— Ah! E não vá muito longe!

Ela foi para longe.

O terreno em volta do poço estava rodeado de poças. Lúcia havia sujado a bota ortopédica, e houve momentos em que a muleta entrou fundo na lama. Teria que entrar despercebida em casa para limpar aquilo antes da mãe descobrir. Não tinha problema, valeria a pena.

Agora estava ainda mais gelado do que no primeiro dia em que ela estivera no poço. O vento que soprava esfriava a sua bochecha e a fazia bater os dentes. Mas nada disso tirava a empolgação de chegar ao poço.

O velho poço estava tão arruinado quanto da primeira vez. A chuva derrubara mais algumas telhas, deixando ainda mais precária a cobertura. Lúcia subiu o degrau de pedra negra e encostou-se na borda. Olhou para baixo, a mesma escuridão.

Tirou do bolso a moeda de cinquenta centavos. *Espero que sirva.* Ficou na ponta do pé e, só então, se deu conta de que não tinha decidido o pedido.

Que burra! Tanto tempo esperando por esse momento e nem pensou sobre o que deveria pedir.

Não que lhe faltassem escolhas. As coisas estavam muito ruins



ultimamente. *Lembre-se, isso é um teste, nada de pedir para parar de chover ou algo idiota assim. Pense, pense...*

Surgiu em sua mente a imagem do avô. Ela estava detestando aquele velho ranzinza e a maneira com que ele tratava mal sua mãe. Estava cansada das brigas diárias, das palavras rudes, da constante expressão de angústia no rosto da mãe.

*Desejo que o meu avô pare de brigar com minha mãe.*

Jogou a moeda no poço.

O objeto tintilou nas paredes de pedra e caiu na profundidade escura. Ela sorriu.

A voz do poço falou com ela, assim como no sonho. Disse algo em seus ouvidos, algo que a princípio ela não entendeu direito, apenas um sussurro.

*Lúúúciiaaaa...*

Havia feito uma boa escolha. Fazer o avô parar de brigar com a mãe era o que mais se aproximava de um milagre. Se isso acontecesse, não restariam dúvidas de que o poder da Fada era real.

Lúcia aproveitou e também jogou A Ilha do Tesouro dentro do poço. Quando atingiu a água o livro provocou um *splash!* Estava farta de piratas da perna de pau. A moeda era o pagamento e o livro era a gorjeta.

## 8

**E**nquanto tomava sopa na mesa da cozinha, Lúcia espiava o avô. O velho com a cara fechada, descascando pedaços de madeira. O desejo não se realizara. Somente naquele dia, a mãe e o avô já haviam discutido três vezes. Na última, in-

clusive, a mãe chegou a jogar um prato no chão. Ela disse: foi um erro pensar que você tinha mudado.

Nessa ocasião Lúcia pensou que elas finalmente iriam embora. Arrumariam as malas e partiriam, *Au revoir! Mon amour*. Como a professora de francês tinha ensinado.

Mas nada aconteceu. A cada dia Lúcia detestava mais o avô. Eles nunca conversavam e, das poucas vezes em que ele dirigiu a palavra a ela, o avô usou os termos mais horríveis que poderia escolher. O avô passou a se referir a ela como *aleijadinha*. Nunca na presença da mãe, é claro.

Quando o avô se referia a ela nesses termos, não a magoava mais do que as vezes em que era xingada no colégio. *Cambotinha, Pata Quebrada, Pirata da Perna de Pau...* Os apelidos eram tantos quanto a criatividade das colegas.

Comparando bem, a perseguição na escola era mil vezes pior, principalmente porque não se limitava aos apelidos maldosos.

Passou o dedo sobre a cicatriz na testa.

Quando perguntavam o que tinha sido aquilo, ela respondia que fora uma queda na escada. Isso era verdade. Mas ela omitia o fato de que a queda fora provocada por uma colega. Aline gritou antes de empurrá-la: Anda na prancha, Pirata da Perna de Pau!. Sete pontos na testa e cinco dias em casa assistindo TV.

Simplesmente ignorar o avô era o caminho mais fácil. Desde que ele não comesse a lhe empurrar pelas costas ou a cortar o seu cabelo, ou a jogar lixo nela, tudo bem. O colégio era pior e ela sobrevivera. Contar a mãe sobre a maneira pouco educada que ele estava usando para se referir a ela só causaria mais discussão. E se tinha uma coisa de que Lúcia não precisava era de mais motivos

para eles discutirem.

Na verdade, o que mais a entristecia era ter que voltar para o mundo real. O mundo sem magia. Por um momento ela acreditou que poderia existir mistério, coisas ocultas, segredos mágicos. Então, a realidade se impôs e mostrou que o mundo real não tinha espaço para fadas ou poços de desejos. O mundo real era a sopa amarga que ela estava tomando agora, a dor na perna, a cicatriz na testa.

A mãe a chamou na sala. Era a realidade batendo à porta.

— Já estou innndoo...

Lúcia derramou a sopa na pia. Havia comido até demais daquela porcaria. Ela estava começando a lavar o prato quando o avô lhe pegou pelo braço.

— O que você está fazendo aleijadinha? Hein? Jogando comida fora? Você tem ideia de quanto custa isso? Você não sabe como é duro colocar comida na mesa. Nesta casa a gente não joga comida no lixo!

Lúcia estava perplexa. Como o avô havia sido tão rápido? Num segundo ele estava do outro lado da cozinha, com a faca e o pedaço de madeira, e no outro, ele surgia ao seu lado, segurando o seu braço.

— Hein mocinha? Você já foi pra roça? Já pegou num cabo de enxada? Você vai comer toda a comida e vai agradecer ao Senhor. Nesta casa a gente come e dá graças ao Senhor!

O avô a apertava com tanta força que o seu braço começou a doer. Nunca pensou que um idoso poderia ter tanta força. O avô colocou a mão na pia, e tirou um pedaço engordurado de carne do meio da louça suja.



— Você vai comer pra aprender a lição! Se tua mãe não te ensinou, tu vai aprender comigo!

Se não estivesse em choque Lúcia teria gritado. Preferia morrer do que colocar aquela coisa asquerosa, tirada do ralo da pia, na boca. Tudo que ela conseguia fazer era balançar a cabeça em negação, os olhos molhados de lágrimas.

Segurou o braço do avô, mas não tinha forças para impedir a mão que se aproximava com o pedaço de carne, cada vez mais para perto do seu rosto.

O avô era muito forte e esfregou o pedaço de carne em seus lábios, sujando o seu rosto de gordura.

— Nããã! Nãoo, nãoo, nãoo...

— Pare com isso, seu monstro! — disse Sílvia intervindo.

A mãe a libertou, puxando o avô pelo braço e tirando as mãos trêmulas de cima dela.

— Não encosta na minha filha! O que você pensa que está fazendo? Perdeu o juízo?

A primeira reação de Lúcia foi limpar o rosto sujo de gordura com a manga da camiseta. O braço ardia onde o avô tinha segurado. A mãe usou um pano de prato para ajudar a limpar o seu rosto.

— Vá para o seu quarto, filhinha. Não se preocupe, depois a gente conversa. Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Lúcia foi mancando para o quarto e bateu a porta. Ela mancava ainda mais quando ficava nervosa. Se jogou na cama e, só então, se lembrou de chorar. Foi como se dar conta de que havia pulado algo importante, uma etapa lógica do processo. *Ah sim, chorar! Como havia me esquecido disso? Sim, depois de ser humilha-*

*da pelo próprio avô, o próximo passo natural é chorar, como havia me esquecido desse detalhe?*

Lúcia chorou e amaldiçoou o avô, aquele velho imundo. Do outro lado da porta mais uma discussão acontecia.

*O poço, a fada, por que não eram reais? Por que haviam falhado com ela? Droga de vida!*

O que esperava como consequência inevitável do incidente com o avô era que a viagem finalmente se desse por encerrada. Quem, em sã consciência, ficaria numa casa com um velho maluco, com tumor cerebral e prestes a passar dessa para uma melhor? Mas a poeira baixou e tudo voltou à velha rotina. A chuva, a goteira, a choradeira da irmã. O avô reclamando de tudo, quebrando as coisas, às vezes por acidente, às vezes por pura maldade. A mãe tendo que se desdobrar para cuidar da velha casa e do bebê. Soluçando pelos cantos, chorando à noite.

A teimosia da mãe era algo que Lúcia não entendia. Ela sentia que a mãe queria ir embora tanto quanto ela, mas algo a impedia. Talvez fosse a culpa por ter abandonado o pai no passado. Quem se importa? Um dia as férias acabariam e elas teriam de voltar para casa. Lúcia passou a verificar o calendário para se certificar de quando seria esse dia. O dia em que deixaria de se preocupar com o avô maluco e voltaria a se preocupar com Aline e seus empurrões. Aline, Guilherme, Dayse e os demais. Todos uma série mais velhos e provavelmente ainda mais perversos.

Enquanto esse dia não chegava, restavam as horas de tédio. Por vezes ela se pegava pensando no poço e na Fada. Deveria ter superado aquilo. Fizera o teste e atestou que não funcionava. Mas

e a caixinha de música? Lúcia sentia que Tinha algo que ela ainda não conseguia compreender direito.

Numa tarde qualquer, alguém bateu à porta. Foi Lúcia quem atendera o chamado. Um senhor magro tirou o chapéu e a cumprimentou. Lúcia achou que o senhor parecia um figurante de novela de época, de chapéu e bengala, num terno bege.

O senhor de bengala era um amigo antigo do avô, que ficara sabendo da doença terminal do amigo e fora o quanto antes visitá-lo. Provavelmente, a última visita.

Os dois saíram para conversar na cerca em frente de casa. Foi a primeira vez que Lúcia viu o avô colocar os pés para fora de casa. Lúcia percebeu que o amigo do avô tinha um problema na perna, e que dependia da bengala para conseguir caminhar.

Lúcia refletiu sobre sua própria condição. Ela olhou para a perna esquerda, viu a bota ortopédica surrada e, ao lado, a muleta inseparável. Será que ela morreria daquele jeito? Se viu no futuro, uma velha, eternamente arrastando a perna. Sentia uma grande raiva da vida. Era uma injustiça ter nascido daquele jeito, por que tinha que ser com ela?

Quando sua mãe engravidou da irmã, ficava se perguntando se o bebê nasceria com o mesmo problema. Sabia que as chances eram mínimas, mesmo assim, havia uma pequena parte dela, uma parte perversa, que pensava que deveria acontecer o mesmo. A irmã nasceu normal. Fizeram vários exames, mas não havia nada de errado com a recém-nascida.

Esse pensamento a envergonhava, mas a verdade era que ela desejava trocar de lugar com a irmã. Queria ela ter nascido nor-



mal. A irmãzinha chorona, é quem deveria ter nascido deformada. Sabia que tal pensamento era hediondo e por isso o escondia no fundo da mente. Mas de vez em quando ele batia à porta (como o senhor de bengala), um pensamento sujo. Sujo, mas sincero. Lembrava do médico explicando para a sua mãe, antes da última cirurgia;

— A hemimelia fibular é uma doença rara, atinge um em cada 50 mil bebês...

Cinquenta mil era um número muito grande. Ela se via como a ganhadora de uma loteria ao contrário. Tirara o bilhete premiado da desgraça.

A mãe entrou no quarto, parecia cansada.

— O que você está fazendo, Lú?

— Nada, como sempre.

A mãe limpou o suor da testa.

— Você precisa fazer alguma coisa, filha. Vai lá pra fora, vai brincar no balanço. Aproveitar que o tempo melhorou.

— Lúcia olhou pela janela, o avô e o senhor de bengala estavam se despedindo. Cada um foi para o seu rumo.

## 9

O balanço estava molhado, mas ela não se importou, sentou-se no pedaço de madeira que servia de assento e se balançou. Pingos de água caíam do galho sobre a sua cabeça, e o vento que vinha da encosta soprava os seus cabelos.

— Por que tanta tristeza menina?

Era ela, a velha, dona Antonieta. Lúcia não deu atenção, con-

tinuou a se balançar lentamente.

— A Fada falô com você?

— Não existe fada nenhuma — disse Lúcia parando o balanço.

A velha sorriu e segurou na corda do balanço.

— Ah! menina do remendo, você ainda tem muito que aprendê.

Lúcia continuou a evitá-la. Ficou olhando para o chão enquanto fazia círculos com a perna, os seus cabelos caíam pelo rosto.

— Meu avô disse que você é doida e muda.

A velha sorriu.

— As pessoas são assim minha menina, coloca sempre a carroça na frente dos bois. Se uma pessoa não gosta de falar, então é muda. Tudo remendo! Gente remendada.

— Você me enganou direitinho com aquela história de fada. Eu caí que nem uma boba.

— O que houve menina? Por acaso tu fez um desejo que não se realizô?

Lúcia ergueu a cabeça e olhou bem para a velha. Como ela tinha adivinhado aquilo? Parecia até que tinha lido o seu pensamento. No rosto da velha surgiu novamente um sorriso, um sorriso de acertei em cheio, não foi?

A velha andou, daquele jeito devagar e sofrido, e sentou-se encostada ao tronco da árvore. Lúcia olhou para casa, para conferir se a mãe a veria conversando com a estranha. Não viu ninguém. Antonieta tirou algo dos bolsos e começou a mastigar. Ela ainda tinha dentes? Lúcia não conseguiu ver o que ela comia.

— Olha menina do remendo, você ainda é muito nova, tem muita coisa pra aprendê. O seu desejo, o primeiro que você fez no dia em que nos conhecemos, ele se realizô?

Lúcia confirmou com a cabeça.

— Sei. Então, você voltou num foi? Voltou e fez outro desejo, num fez? E esse outro desejo, menina do remendo, foi uma coisa grande? Um desejo difícil, estou certa?

A velha estava adivinhando tudo. Estava começando a ficar assustador. Talvez ela fosse uma bruxa. Fadas, bruxas, poços que realizam desejos, onde aquilo iria parar?

— E o que tu deu em troca menina? Pelo desejo, qual foi o trato?

— Joguei uma moeda, como da primeira vez. Mas foi uma moeda nova, não era como a que você me deu. Acho que foi por isso que não funcionou.

— A Fada não liga para isso, menina. Escuta, esse é um conselho que tu não deve esquecê. Quando queremos algo grande, devemos dar outra coisa grande em troca. Uma moeda para encontrar uma coisa perdida, pra parar de soluçar ou pra que a carta desejada chegue logo, é um trato justo. Mas você deve ter pedido algo mais difícil, mais caro.

A explicação fazia sentido. Um desejo grande, um pagamento de valor. Naquele instante, Lúcia sentiu novamente a esperança renascer. Talvez ainda restasse magia no mundo.

— Certo. Mas e se você estiver me fazendo de boba?

— Eu num ganho nada com isso menina. Eu só quero que você tenha a chance que eu num tive. Tente de novo, mas dê algo de valor em troca. Ouça a voz do poço. Ela fala com você, se você



souber escutá.

Antonieta tinha acabado de comer o que quer que estivesse remoendo na boca e se levantou. Lúcia a ajudou a se levantar. A velha cheirava a coisa antiga e suas roupas pareciam a ponto de se desfazer. Ela foi caminhando pela trilha, balançando a vara de um lado para ou outro, novamente espantando as coisas invisíveis do caminho.

Sozinha no balanço, Lúcia pensou no que poderia usar como pagamento por mais um desejo.

Algo de valor.

Entendeu o que tinha de ofertar, mas não sabia se estaria disposta a fazer aquilo.

Mesmo assim ela fez. Lúcia levou a caixinha de música dentro do bolso do moletom. Foi pela trilha até o poço. Subiu no degrau, inclinou-se para dentro da boca negra e, com muito pesar no coração, deixou que a caixinha caísse no abismo negro. Não houve som do impacto do objeto com a água.

Nada, nem um ruído.

A Fada havia aceitado a sua oferta.

Estava feito. Ela havia desejado que o avô a deixasse em paz, a ela e a mãe. Agora só restava esperar. Se não funcionasse, teria um grande arrependimento para remoer.

— Tchau, papai! Adeus, caixinha! — Disse ela, acenando para o fundo do poço.

O desejo não tardou a se realizar. Assim que chegou em casa, Lúcia encontrou a mãe aflita. O avô havia passado mal. A mãe ligou

para a emergência, mas demorou quatro horas para a ambulância chegar.

Elas tiveram que se mudar novamente. Dessa vez, para a cidade vizinha. Se hospedaram em uma pousada perto do hospital. Ficaram lá por cinco dias, até que o avô foi liberado. A mãe sugeriu que Lúcia deveria voltar para Caligem e ficar na casa de uma conhecida até que ela retornasse. Mas é claro que Lúcia não quis. Não agora, não depois de saber como o poço funcionava.

Voltaram, então, todos para a velha casa de madeira na Serra do Gamo. O avô prostrado, mudo, sem sair da cama.

Afinal, o desejo havia se realizado, não? Com o velho convalescendo na cama, acabaram-se as discussões.

Lúcia sabia que haviam mandado o avô para morrer em casa, por isso a sugestão da mãe de que ela ficasse na casa de uma amiga na capital. *Só enquanto as coisas melhoram*, havia dito a mãe. Mas ela não era idiota. O que a mãe não teve coragem de dizer era: só enquanto o seu avô morre.

Não, obrigada, eu vou ficar.

Foi na mesma noite em que voltaram do hospital que Lúcia ouviu pela primeira vez a voz do poço claramente. Não como um sussurro, não na forma de um sonho. Foi como conversar com uma amiga imaginária.

Ela estava no balanço quando a voz falou. A temperatura tinha começado a cair novamente, mas o clima ainda estava suportável e, por isso, ela ainda podia brincar lá fora. Quando ouviu a voz, seu sangue congelou, mas ela tentou se manter calma. Não olhou para os lados, nem procurou de onde vinha a voz. Ela entendia,

de uma forma que não saberia explicar, quem falava e de onde vinha a voz.

Recebeu a voz como uma convidada especial. Deixou que ela entrasse em sua mente, deixou que falasse.

A voz do poço lhe fez uma proposta. Era uma proposta muito séria. O preço era alto, mas a recompensa era melhor que qualquer coisa que ela já tivesse imaginado. Sim, era uma proposta tentadora. Lúcia passou a pensar nela com carinho.

Com o avô prostrado, os dias passaram a ser mais tranquilos. Lúcia saía para caminhar, levava algum livro ou revista, enquanto a mãe cuidava do pai moribundo e do bebê chorão. Ela teve tempo para conhecer melhor as redondezas da serra. A velha casa dos escravos, a passagem sobre o córrego, e, é claro, seu lugar preferido, o poço abandonado.

Na maioria das vezes o poço não falava nada. Mas quando falava, sempre reforçava a proposta. Lúcia estremeceu toda vez que ouvia a voz. As férias estavam acabando, logo ela estaria de volta à cidade. O prazo para tomar uma decisão estava se esgotando.

Estava quase certa de qual decisão tomaria. Faltava-lhe apenas se acostumar com a ideia. E a ideia era extasiante.

## 10

**V**oltou a chover muito naqueles últimos dias de férias. Lúcia gostava de ficar sentada na janela, observando a água escorrer pelo terreno da frente, como um pequeno rio. As copas das árvores balançavam com o peso da água que caía



sem parar. Sílvia começou a demonstrar preocupação com a filha, que passava horas calada, olhando para a chuva, como se procurasse ao longe alguma coisa perdida.

Nesses últimos dias, Lúcia começou a sentir uma dor intensa na perna esquerda. Uma dor insistente, como agulhas entrando na carne. Ela decidiu não contar nada para a mãe. Teve medo de que ela lhe mandasse para um hospital ou antecipasse a volta para casa. Isso não poderia acontecer. Lúcia queria ficar. Tinha um assunto inacabado.

Calada, ela encarou a dor. Aguentaria. Logo a dor sumiria para nunca mais voltar.

Mais uma vez ela estava no colégio. Só que dessa vez era diferente. Sentia-se bem. Plena era a palavra que melhor definia. Ela olhou para a sua perna esquerda, olhem só, ela estava livre. Não havia nenhuma bota feia a envolvendo. Também não havia nenhuma muleta. Seu corpo estava perfeito.

Caminhou pelo pátio da escola e todas as meninas e (até os meninos) paravam para vê-la passar. Seus cabelos estavam radiantes, livres. Ela também estava mais alta, mais velha, mais bonita. Usava uma saia rodada, parecida com a que a mãe tinha, e não sentia vergonha de mostrar as pernas. Claro que não, elas eram lindas!

Sobre ela, não havia olhares de pena. Pelo contrário, ela era admirada. Seria possível? Sim! Não só era possível como estava acontecendo. Lúcia passou desfilando pelo pátio, atravessou a rua e foi até a sorveteria que ficava em frente a escola.

Todos que cruzavam por ela sorriam, os adultos e as crianças.

Ela nunca havia se sentido tão bem assim em toda sua vida. Mal sabia como lidar com aquele sentimento.

Ela era uma menina incrível e parecia que sempre fora. Nem conseguia se lembrar de um tempo onde as coisas fossem diferentes. A perseguição, os xingamentos, as humilhações; tudo parecia ter acontecido com outra pessoa. Não com ela, com aquela menina linda que tomava sundae com cobertura de chocolate e castanhas. Ela balançava o pé enquanto colocava mais uma colherada na boca. Sorria, e o mundo sorria de volta para ela.

Ela olhou para os pés novamente e percebeu que estava de patins. Sim!, como não havia percebido isso antes? Na verdade, ela não havia caminhado até a sorveteria, mas sim patinado até ali. Patinado, como sempre sonhou em fazer.

Foi então que a colher caiu. Ela se abaixou para pegar o talher, e quando ergueu a cabeça novamente, o cenário estava drasticamente diferente, como se estivesse na TV e alguém tivesse trocado de canal. Agora estava escuro.

Havia anoitecido. A rua, o colégio, a sorveteria, estava tudo deserto. Lúcia começou a se sentir estranha. Era melhor voltar para casa, estava muito escuro ali.

Ela se levantou e, quando ficou de pé, algo a segurou, como se o seu pé estivesse colado no chão. Lúcia olhou para baixo e viu que o pé estava novamente dentro da bota ortopédica. Não só isso, como também a muleta, a velha e inseparável muleta, estava encostada na mesa ao seu lado.

Pelo canto de olho, ela viu vultos que começaram a se mover. Sombras de pessoas foram surgindo pelos cantos. Precisava sair o quanto antes dali.

Caminhou com dificuldade pela rua, procurando o caminho de casa, ou ao menos algum lugar iluminado para se abrigar. Mas quanto mais ela andava, mais a perna esquerda ficava presa e mais as sombras se aproximavam. Lágrimas começaram a escorrer. Ela foi arrastando a perna pela calçada, estava perdida. Não conhecia nada à sua volta. Todos os prédios e lojas estavam com as portas trancadas.

No meio do quarteirão ela viu uma luz amarelada e bruxuleante. Ela foi em direção a luz e entrou no beco. Sua perna, que doía cada vez mais, começou a arrastar na areia, deixando uma trilha. *Meu Deus! As sombras vão seguir o rastro e me pegar.*

Ela tinha entrado numa caverna. Havia um grupo de piratas dançando e bebendo ao redor de uma fogueira. Os piratas a perceberam e começaram a correr em sua direção. Ela tentou fugir, mas os piratas a agararam e a levaram para perto da fogueira. Eles a forçaram a dançar, derramaram bebida na sua cabeça. Cantaram e babaram sobre ela. Lúcia chorou. Aqueles eram os piratas da Ilha do Tesouro, ela os reconhecia.

Os piratas eram deformados. Todos tinham algum membro amputado. Eles riam e jogavam vinho para o alto. Pensavam que Lúcia era um deles. Uma pária, uma deformada. Ela só queria ir embora. Eles não percebiam que estavam a machucando. A perna doía. Meu Deus, como ela doía!

O Capitão surgiu entre os piratas. Tinha o rosto bronzeado e marcado de rugas, um tapa olho, a barba espessa e negra. O Capitão se abaixou para olhar bem para os seus olhos. Ele sorriu, fazendo surgir o dente de ouro entre os dentes podres. Retirou a espada do cinturão e colocou a ponta da lâmina sobre a perna de



Lúcia.

— Vamos fazer um trato princesa? Você me dá o que te pedi e eu retiro o seu remendo!

Lúcia chorou, então, o Capitão cravou a espada em sua perna. Ela acordou chorando de dor.

Sua perna estava latejando de dor e ela precisava ir urgente ao banheiro ou molharia as calças. Quando pegou a muleta, uma dor subiu pela perna até o quadril, como um ferro em brasas.

Começou andar em direção a porta. Deu apenas três passos, então, outra onda de dor surgiu. Ela caiu.

Não conseguiu se levantar do chão, a perna parecia que estava pegando fogo.

— *Mãããeeee! Me ajuda!*

Ela chamou, mas ninguém parecia ouvi-la. Uma pesada chuva caía no telhado e abafava o som.

Lúcia chorou agarrada à perna. Não conseguiu mais segurar e fez xixi no chão, enquanto soluçava e gemia.

Não foi só por causa da dor que ela chorou. Era toda aquela situação; o sonho, a queda, a urina, a velha sensação de raiva.

Depois de algum tempo, conseguiu ficar de bruços no chão e olhou para frente. Ela viu uma rã coxando no chão de madeira, com o peito estufando e contraindo, alguns centímetros à sua frente. O anfíbio lhe encarava com os seus grandes olhos amarelos.

Seria ela? A rã do primeiro dia?

A voz do poço falou em sua mente, a lembrou do trato. Olhando para os olhos da rã, ela aceitou o trato. A voz do poço se calou

imediatamente.

Ela ficou deitada no chão sobre o próprio mijo até que a dor diminuiu. Então, se levantou, massageou a perna, trocou de roupa e limpou o chão. Colocou a roupa suja no cesto e os materiais de limpeza no armário da cozinha. Agradeceu a Deus a mãe não ter acordado.

Ainda naquela noite, ela foi até o quarto da mãe. Sílvia dormia um sono pesado. A irmãzinha estava dormindo ao lado da mãe, na cama. Não havia berço na casa velha. Lúcia foi até a cômoda e puxou a gaveta. Lá de dentro ela retirou uma roupinha de bebê, um macacãozinho rosa. Então, fechou a gaveta com cuidado para não despertar a mãe e caminhou para a porta, levando consigo a roupinha roubada.

Antes de sair, ela olhou para a irmãzinha pela brecha da porta entreaberta. O bebê dormia o sono tranquilo de um anjo. O que ela estava fazendo realmente valeria a pena? Uma pontada na perna surgiu, como que para lhe lembrar do que ela deveria fazer.

Lúcia fechou a porta com cuidado, deixando a mãe e a irmãzinha para trás. Voltou para o seu quarto e deitou-se na cama. Não estava com sono e não queria dormir. Era melhor evitar outro pesadelo. Agora só restava esperar.

Amanheceu, e o tempo estava mais limpo. O sol estava forte e fez até um pouco de calor. Parecia que o clima estava a seu favor. As peças estavam se encaixando. Lúcia esperou até que a mãe acordasse e fizesse o café da manhã. Ela tomou o seu café (só um pouquinho, afinal, café é coisa de adulto), comeu o seu pão com manteiga e esperou o melhor momento para pedir à mãe permis-

são para sair.

Ela foi até o poço, levando a roupinha da irmã consigo. A perna ainda doía, mas ela não se incomodou. Seguiu como se nada demais estivesse acontecendo. Ela chegou ao o poço e deixou o macacãozinho rosa cair na escuridão. Não precisou fechar os olhos nem mentalizar o desejo, a voz sabia.

O trato foi fechado.

## 11

Lúcia estava num sono profundo, sem sonhos, quando gritos a despertaram. Ela abriu os olhos e ficou imóvel sobre a cama, tentando entender o que estava acontecendo.

Novos gritos. Eram os gritos da mãe.

Seu coração disparou, a respiração ficou suspensa por alguns segundos. Ela ouviu a mãe remexendo os móveis no outro quarto, caminhando freneticamente, passos ecoando pela casa.

— OH, MEU DEUS! ONDE VOCÊ ESTÁ?! OH, MEU DEUS! — gritava a mãe.

Lúcia continuou imóvel na cama. A mãe continuou com o seu lamento, mais alto e mais desesperado.

— NÃO! NÃO! NÃO!... Meu Deus, o que tá acontecendo!?

Estava chovendo. No interior na casa a mãe continuava a mover-se histérica. Seus gemidos pareciam uivos. Lúcia nunca tinha ouvido a mãe chorar daquele jeito, nem durante o velório do pai. Ela se questionou se estava vivendo outro pesadelo.

Venceu a paralisia e se sentou na cama. Os gemidos da mãe ecoavam, mas agora vinha do quarto do avô.



O abajur, que sempre ficava ligado, começou a falhar. Piscou duas vezes, com um barulho de asas de inseto até finalmente se apagarem por completo. Um raio irrompeu distante, então veio o trovão. A energia se foi, e toda a casa ficou às escuras. A chuva estava engrossando.

A porta do quarto se abriu, assustando Lúcia. A mãe surgiu, vestida de pijama branco, com a mão na boca e os olhos vidrados. Ela chorava e soluçava. Lúcia demorou para reconhecer a própria mãe naquela penumbra, vestida de branco e com os cabelos assanhados ela parecia um fantasma.

— O que está acontecendo, mamãe?

Sílvia respirou fundo, enxugou as lágrimas com as mãos e se aproximou da cama.

— Meu amor, alguém entrou aqui e levou.... Ai meu Deus... e levou a sua irmã. — falou a mãe tentando se controlar.

Lúcia ficou calada.

— Fica quietinha na sua cama e tranca a porta do quarto. Também tem o seu avô... Meu Deus do céu o que está acontecendo!? Estamos sem energia e a merda do telefone parou de funcionar... Eu tenho que... — Sílvia precisou reunir forças para manter-se sã. Estava tentando se manter firme, mas parecia que todo aquele controle estava prestes a ruir.

— Eu vou até a casa mais próxima pedir ajuda, não saia do seu quarto, pelo amor de Deus!

A mãe beijou sua testa e saiu desgovernada pela casa. Lúcia ouviu os seus passos atravessando a casa e, pela janela, a viu desaparecer na chuva. Lúcia estava sozinha em casa.

De tempos em tempos, o quarto era iluminado pelos relâm-

pagos. Lúcia sentia-se estranha. Desceu da cama, colocando um pé de cada vez no chão, e foi como se estivesse pisando em outro planeta.

Sentiu a madeira fria sob os seus pés, então ficou de pé. Não houve nenhuma dor ou desconforto nesse ato, apenas uma sensação de dormência, como quando você dorme muito tempo em cima do braço, um formigamento na pele.

Lúcia deu o primeiro passo em direção a porta, e foi como andar pela primeira vez, uma sensação de desequilíbrio.

Ela juntou as pernas e constatou o que havia acontecido. Aquilo que sonhou havia se realizado: suas duas pernas estavam exatamente do mesmo tamanho. Iguais. Perfeitas.

Lúcia sorriu. Sem *remendos*, ela pensou.

Desfrutou dessa sensação, a sensação de ser normal, de pisar com segurança no chão, de não precisar mais usar muletas. Lúcia colocou as mãos na boca para abafar uma risada eufórica.

Um relâmpago iluminou o quarto, mostrando o interior da casa deserta. Lúcia caminhou devagar, saboreando cada passo. Chegou no quarto da mãe. No seu desespero, ela havia deixado o quarto inteiro revirado, a janela estava aberta e a chuva entrava por ela. Lúcia pegou uma vela em cima do oratório e a acendeu.

Ela atravessou a velha casa usando a vela, até chegar no quarto do avô. O velho estava estendido em cima da cama, assim nos últimos dias. Só que agora não havia nenhum movimento, sequer de respiração. Quando se aproximou para vê-lo de perto, constatou que o avô estava morto.

Lúcia tocou no braço do cadáver, com certo receio, e sentiu os músculos rijos e a pele fria. O velho havia morrido com os olhos

abertos a boca escancarada. A partir daquele dia ele não iria mais magoar ninguém.

Após sair do quarto do avô, Lúcia foi até a porta da frente, ainda segurando a vela, fazendo uma concha com a mão para evitar que o vento apagasse a chama. Os relâmpagos iluminavam a paisagem ao fundo, acima das serras e dos topos das árvores.

Parando na porta, Lúcia viu algo se mover mais a frente, algo escondido no mato. Ela foi até a varanda e olhou com mais atenção. Fora de casa, foi impossível manter a vela acesa.

Passaram-se alguns segundos, e o vulto começou a se mover novamente, saindo da proteção dos arbustos e cruzando o capim alto da lateral do terreno em volta da casa. Daquela distância, ela não conseguia enxergar direito o que se movia, mas de uma coisa Lúcia tinha certeza: aquilo que passava pelo capim não era humano.

O vulto se movia em saltos, como um sapo, e parecia que carregava algo nas mãos. Um relâmpago estourou no céu e, por menos de um instante, sua luz iluminou a criatura. Parecia com uma pessoa-rã ou um homem-sapo. Um ser magro, com a metade da estatura de um homem adulto e com a pele lustrosa e úmida como as peles das rãs. Em suas costas haviam marcas negras. *Seriam as asas queimadas pelo raio?*

Ela não conseguiu ver o que aquela horrenda criatura carregava nos braços. Não viu, ou convenceu a si de que não vira.

*Era a Fada, sim, a Fada do Poço.* Ela havia ido buscar sua parte do trato.

Assim que a criatura pulou sobre a cerca, seu corpo sumiu no meio do mato alto. A vegetação se agitou em direção a trilha, a



mesma trilha que levava para o velho poço.

Dentro de sua cabeça começou a surgir uma suave melodia. Lúcia conhecia muito bem aquele som, era a música da caixinha de música; O Quebra-Nozes.

Ela saiu para o terreno da frente e deixou que a chuva lhe molhasse. Abriu os braços para o céu e sorriu.

Lúcia começou a dançar na chuva. Dançava, saltava e ria. Girava e girava com os braços abertos, usando as pontas dos pés, enquanto a água da chuva escorria pelo seu corpo.

— Agora eu sou uma bailarina! Uma bailarina! Uma bailarina de verdade! — ela repetia.

Ricardo Serafim

*setembro/2019*

serafim.escritor@gmail.com

www.ricardoserafim.com.br

Histórias de Horror para um mundo assombrado.